

## NEGROS SALTADORES PERTURBADORES DA ORDEM: A IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM CAICÓ/RN

**Marcos Fernandes de Oliveira**

Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG)

*Os moradores da vila estavam frente a frente com Rei e à Rainha. Eram os primeiros reis do Seridó. A proximidade era de palmos. Os reis, ainda sem garbo, desfilaram pelas vielas, acompanhados de sua corte. Eram reis negros, cujos corpos eram propriedade de homens brancos. Sebastião Pereira, rei dos Congos e Maria José Neves, rainha dos Congos, tomaram a majestade mesmo sem deixarem de ser escravos, pobres e descalços. O coroamento festivo que ocorreu em 1773 na vila do Príncipe (hoje Caicó) era das realezas da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. Uma agremiação de homens e mulheres unidos pela cor, pela dor da restrição da liberdade e pela alegria da festa. Apesar dos muitos infortúnios, havia o que se celebrar. (MACÊDO, 2014, p. 329)*

### Resumo:

O presente trabalho trata-se de um estudo acerca da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó/RN, e em especial das dificuldades que a referida instituição tem passado no interior da sociedade caicoense. Dotada de uma historicidade bicentenária, os “Negros do Rosário”, como são chamados na cidade de Caicó/RN, são conhecidos principalmente pela realização da dança do espontão e de seus reinados, tradições tão antigas quanto à própria Irmandade. No entanto, embora seja dotada de uma historicidade bicentenária, a Irmandade encontra-se marginalizada no contexto social caicoense dos dias atuais. Com isto, confrontando principalmente fontes orais e escritas, pretendo com este trabalho analisar o processo de marginalização da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó, assim como algumas características da própria instituição.

**Palavras-chave:** Irmandade do Rosário; Marginalização; Caicó.

## Introdução

Talvez este texto cause certo estranhamento (pelo menos para alguns) entre aqueles que o lerem, não só por ser escrito na primeira pessoa do singular, afinal, esta já é uma prática bastante comum entre o meio acadêmico, mas pelo fato de que, para começar a falar do tema que proposto neste trabalho, torna-se necessário falar um pouco acerca do processo de escolha do respectivo tema.

Realizada tradicionalmente no mês de julho, a festa de Sant'Ana, em Caicó/RN, celebra festejos dedicados a Santa de nome homônimo, que, para os caicoenses não só é padroeira do respectivo município, como também de todo o Seridó potiguar. Mas eis que no presente ano algo diferente e de grande importância histórica aconteceu exatamente durante a realização da 4ª novena e bênção do Santíssimo Sacramento, 5º dia de festejos a Sant'Ana, numa segunda-feira à noite (27 de julho de 2015), algo que, embora fosse esperado e programado para acontecer, deixou perplexo e causou espanto entre muitos dos que estavam presentes assistindo a novena. A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário entrou na igreja. E enquanto entravam templo adentro, seus membros saltavam, dançavam, pulavam e tocavam seus tambores e demais instrumentos e, ao mesmo tempo, enquanto uma parte do público aplaudia a entrada da Irmandade a outra aparentava estar surpresa ao observar a presença daqueles sujeitos que entravam no interior da catedral saltando e dançando em uma noite de novena dedicada a Sant'Ana.

Apesar disso, o mais surpreendente foi o que eu mesmo testemunhei ao término da novena. Enquanto os membros da Irmandade tiravam fotos ao lado dos bispos das Dioceses de Caicó e Mossoró, que também estavam presentes naquela noite de novena e de festejos a Sant'Ana, ouvi-se um resmungo de uma senhora elegante que estava sentada ao lado do altar da catedral e bem próxima dos membros da Irmandade: “A festa do Rosário é só em outubro! Estamos em

julho, esta é a festa de Sant’Ana!”. Aparentando estar constrangido com a situação, um dos membros definidores da Irmandade conversou por alguns breves minutos com aquela senhora, mas a mesma manteve sua posição e insistiu na ideia de que, aquele espaço, “não era lugar para Irmandade”. Naquele momento, foi possível perceber a importância e até a necessidade de escrever o presente trabalho.

Afinal, como explicar a atitude desta senhora? Por que a presença da Irmandade dos Homens Pretos na catedral de Sant’Ana incomodou tanto esta senhora que lá estava? Como uma instituição tão tradicional no Seridó potiguar, com mais de dois séculos de história, como a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos na cidade de Caicó ainda pode ser rejeitada por alguns membros da sociedade seridoense, ao ponto de sua presença incomodá-los?

Buscando desvendar estas questões, utilizo-me de fontes orais, escritas e de meu próprio testemunho, na tentativa de historicizar as circunstâncias que levaram ao processo de marginalização da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos na cidade de Caicó.

Durante a realização desta pesquisa, o estatuto da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos e os relatos orais concedidos por Randson Martins de Oliveira foram utilizados como base empírica de pesquisa.

Além disso, também foram utilizadas crônicas históricas escritas por alguns autores seridoenses como “Caicó: subsídios para a história do município” (2012) do Pe. Eymard Monteiro, “A invenção de Caicó” (2004) de Moacy Cirne e “Homens e fatos do Seridó antigo” (2008) de Dom José Adelino Dantas, obras que neste trabalho, além de serem pensadas como referenciais bibliográficos, também foram abordadas como documentos históricos, submetidos ao mesmo rigor de análise científica que fora utilizado nas demais fontes de pesquisa durante a realização deste estudo acadêmico.

Convém, ainda, mencionar que durante a elaboração deste trabalho, buscando realizar uma abordagem de caráter interdisciplinar, optou-se por

trabalhar uma bibliografia teoricamente diversificada, dialogando com autores pertencentes a diversas áreas das ciências humanas e sociais.

Assim, produzo este trabalho que, ao meu ver, é relevante academicamente, por pensar a historicidade das Irmandades no Brasil e em especial da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó, e também socialmente, por abordar uma das instituições mais tradicionais da região do Seridó Potiguar e o lugar social ocupado pela mesma no interior da sociedade caicoense.

### **As Irmandades no Brasil**

Para o historiador potiguar Muirakytan Kennedy de Macêdo (2014), instituições como a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos possuem em seu passado fortes relações com raízes feudais. Para o autor, a mortalidade devastadora e aquilo que o mesmo chama de privações inauditas teriam forçado “[...] a vida comunitária em direção da organização da ajuda mútua dos extraviados e desvalidos” (MACÊDO, 2014, p. 329) nos fins do período medieval. Desta forma, o “medo” e as duras dificuldades impostas à população daquele período fizeram com que associações como estas funcionassem para alguns como uma maneira, ou se preferirem, como uma espécie de “tática” para sobressaírem-se em relação às dificuldades impostas. Assim, segundo Macêdo: “Associar-se a uma dessas agremiações era poder contar com algum socorro para o corpo e com escolta qualificada para a alma, especialmente em uma época em que ambas corriam quase os mesmo riscos” (MACÊDO, 2014, p. 329-330).

Já no tocante a situação do Brasil escravista, embora fossem “[...] idealizadas pelos brancos como um mecanismo de domesticação do espírito africano, através da africanização da religião dos senhores, elas vieram a constituir um instrumento de identidade e solidariedade coletivas” (REIS, 1996, p. 04). Neste período, as Irmandades do Rosário de Homens Pretos tinham como

principais finalidades realizar a devoção, os festejos, garantir os serviços fúnebres dos irmãos associados, direcionando seus recursos financeiros geralmente a estas tarefas e, segundo Macêdo (2014): “[...] raramente para compra de alforria devido ao alto custo da liberdade e baixa capitalização da confraria”. Mas para João José Reis as Irmandades possuíam uma importância que ia ainda mais além de tudo isso, pois para o autor:

A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra no qual seus membros – em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua – construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto. (REIS, 1996, p. 04).

Muito embora fossem administradas e organizadas pelos irmãos e irmãs associados, as Irmandades tinham obrigatoriamente que passar pelas instâncias da Igreja a fim de serem aprovadas, para tanto:

Essas instituições eram regidas por um estatuto, o compromisso que deveria ser endossado pelas autoridades eclesiásticas e pelos monarcas. Nele estavam contidos os objetivos da irmandade, o seu funcionamento as obrigações de seus membros, assim como os direitos adquiridos ao se tornarem membros dessas associações. (QUINTÃO, 2002, p. 26).

E com a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó/RN não foi diferente, e pelo que podemos ver em seu estatuto, que fora escrito em 1771 e que, segundo os membros da própria Irmandade, a rege até hoje, a Irmandade apresentou uma estrutura bem organizada internamente, tendo que contar com doze Membros Definidores, um juiz, um escrivão, um tesoureiro e um rei e uma rainha, que eram eleitos anualmente e que ainda o são nos dias atuais, tendo, ao que me consta, até o presente momento mais de duzentos e quarenta reinados consecutivos, e com as eleições internas para os respectivos cargos da Irmandade acontecendo, desde sua fundação, sempre em outubro, mês em que tradicionalmente são realizados os festejos a Gloriosa Senhora do Rosário.

Mas, embora tenham sido idealizadas primeiramente como um mecanismo de controle e dominação no Brasil, as Irmandades de Homens Pretos aparentemente estiveram inseridas em uma situação no mínimo complexa no tocante ao âmbito do poder, já que: “A festa, que serviu para dividir e unir negros, foi vista, pelos brancos como passatempo inocente ou desafogo das tensões do cativo”, e inversamente, “[...] como quebra da ordem, uma espécie de ensaio para rebelião” (REIS, 1996, p. 03). Apresentando, entre os brancos este caráter ambíguo, as Irmandades, a partir do período em que fora realizada a abolição da escravidão no Brasil, foram passando por um contínuo processo de enfraquecimento, e segundo, Antônia Aparecida Quintão:

As irmandades tiveram seu apogeu na época colonial e ainda se destacavam no período imperial. Porém na segunda metade do século XIX e sob influência do catolicismo romanizado, este tipo de associação será marginalizado e, aos poucos, substituídos por outras formas de organização mais coerentes com os princípios do catolicismo ultramontano. (QUINTÃO, 2002, p. 26).

Este processo de marginalização e enfraquecimento das Irmandades a partir da segunda metade do século XIX, como coloca Quintão (2002), acarretou, em alguns casos, a inativação de várias Irmandades por todo o Brasil. No Seridó potiguar, segundo Macêdo (2014), houve pelo menos seis congregações como estas, e muito embora para Cavignac (2008), as Irmandades negras tenham se desenvolvido no Seridó “[...] sobretudo no século XIX, com a cultura do algodão, que fez a fortuna de famílias renomadas da região”, a maioria delas tornou-se inativa principalmente a partir da primeira metade do século XX, tendo continuado atuantes nos dias atuais “[...] somente as confrarias de Caicó, Jardim do Seridó e Serra Negra” (MACÊDO, 2014, p. 338), tendo está última sido desativada, assim como as outras, porém, sendo refundada entre 1990 e 1993 (MACÊDO, 2014).



## A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó/RN

Começa assim desse remoto ano de 1773, a funcionar normalmente a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Caicó que teima em sobreviver ainda hoje, lutando contra todas as correntes, e que, ao ensejo da festa de sua Padroeira, acórda a velha Cidade do Príncipe com seus pífanos e tambores, ampliando no tempo as inapagáveis tradições de outrora. (DANTAS, 2008, p. 62).

Possuindo uma História bicentenária, a Irmandade dos Homens Pretos de Caicó, mais conhecida como Irmandade do Rosário data do Século XVIII e, segundo relatos de seus próprios membros, vem se mantendo de maneira ininterrupta desde então.

Ao escrever “Caicó: subsídios para a história do município”, livro que apresenta crônicas históricas acerca da referida cidade e que fora escrito por volta da década de 40 do século XX, tendo sido publicado, mais especificamente, em 1945, Pe. Eymard Monteiro apresenta a ideia de que a:

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – foi fundada em 1775 cujo compromisso foi aprovado pela resolução provincial nº 15 de 18 de outubro de 1836. Esta Irmandade organiza, todos os anos, a celebre e tradicional FESTA DO ROSARIO, uma das grandes alegrias dos negros de Caicó. Saem eles pelas ruas, dansando e pulando, com umas varinhas enfeitadas, coligindo esmolas para despesas da Festa. No fim, são aclamados um Rei e uma Rainha que solenemente corôados no ultimo dia, seguindo-se um lasto banquete. A festa é de grande animação cristã e se reveste sempre de muita solenidade. (MONTEIRO, 2012, p. 47).

No entanto, é importante mencionar que muito embora Monteiro tenha datado a fundação da Irmandade de 1775, pelo que pude constatar ao analisar as obras de outros autores da historiografia regional seridoense, como, por exemplo, as de Macêdo (2014), Adelino Dantas (2008), Moacy Cirne (2004), entre outros, o Estatuto da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó

e o relato dos próprios membros da Irmandade, muito provavelmente a mesma fora fundada por volta do ano de 1773, já que seu estatuto fora escrito e enviado para aprovação da Coroa Portuguesa no ano de 1771 e sido aprovado dois anos mais tarde. Isto também é notável nos relatos de Randson Martins de Oliveira que, assim como eu, é historiador, e cujo testemunho torna-se importante para este trabalho, já que o mesmo também é um dos membros definidores da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó:

E aqui as duas datas, 1771, quando os textos foram para Portugal e 1773, quando foram aprovados, isso sobre o paróquiado de Inácio Xavier Correa, que é um padre que descrito nas cartas Ad linina de Recife, então nós fomos criados desta maneira. (MARTINS, 2015).

Diferentemente do que acontece hoje, em que só vemos atuantes no Seridó potiguar as Irmandades de Caicó e Jardim do Seridó, segundo Macêdo (2014), além destas, havia ainda a existência de outras confrarias em vários municípios da região, como Acari, Currais Novos, Jardim de Piranhas e Serra Negra, e segundo Julie Cavignac (2008), até os primeiros anos do século XX estas instituições apresentavam um vínculo umas com as outras, caracterizado por uma ótima relação de convivência entre as mesmas, tanto que para a autora “[...] em torno das irmandades, existia uma rede organizada de solidariedades, havendo, na ocasião das festividades, trocas entre os grupos, inclusive de informações” (CAVIGNAC, 2008, p. 20).

Mas mesmo tendo restado poucas Irmandades do Rosário no Seridó potiguar, em suas festas, reuniões e outros diversos eventos em que estão presentes, as Irmandades que restaram ainda apresentam vários aspectos culturais e ritualísticos advindos de tradições tão antigas quanto as próprias Irmandades do Seridó, destacando-se, entre eles, a dança do espontão e as coroações de reis e rainhas.



Presentes em Portugal, na Espanha, na América espanhola, nas ilhas do caribe e na América do norte, foi na América portuguesa que a eleição de reis negros e sua comemoração festiva esteve mais difundida, existindo comprovadamente desde de o início do século XVII, ganhando força no XVIII, mudando de feições no XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras. (SOUZA, 2002, p. 179).

Como bem visto na citação de Marina de Mello e Souza, a eleição e coroação de reis e rainhas mestiços não era uma exclusividade da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó e nem mesmo chegava a ser uma exclusividade da América portuguesa. Longe disso, estava presente em vários outros lugares do Novo Mundo neste período, embora tenha se destacado muito mais na América portuguesa que em qualquer outra região.

Pelo que nos mostrou a historiografia regional seridoense, o Primeiro Rei da Irmandade Rosário dos Homens Pretos de Caicó foi o “Sr. Sebastião Pereira; a Sra Maria José das Neves primeira rainha” (CIRNE, 2004, p. 109) em 1773, e permanecendo de maneira ininterrupta durante os mais de duzentos anos da Irmandade, em 2014 as coroações da tradicional instituição seridoense chegou ao reinado de número duzentos e quarenta e um, e deverá chegar ao de número duzentos e quarenta e dois em outubro do presente ano.

Outra tradição característica das Irmandades do Rosário presentes no Seridó potiguar, a dança do espontão apresenta-se como uma dança caracterizada por saltos e outros movimentos realizados pelos membros da Irmandade que mais parecem simular um combate, ao descrever os movimentos realizados pelos negros do Rosário ao dançarem, Cirne citando Gurgel, menciona que:

A coreografia simula um bailado guerreiro, com movimentos de ataque e defesa. Não há uniforme especial. Os integrantes do grupo usam calças comuns e camisa branca com detalhes azuis na gola e mangas. Na cabeça. Pequeno gorro militar. Espontão é a lança que maior, que deu nome ao bailado (CIRNE, 2004 apud GURGEL, 1999, p. 110).

Acompanhada pelo som de tambores, por outros instrumentos e, em alguns momentos da dança pelo soar do bater de espontões no chão ou em outros espontões, segundo Cavnac, ao referir-se a Irmandade do Rosário de Jardim do Seridó: “[...] a dança do espontão se destaca em relação a outras festividades realizadas por irmandades negras, por ser antes de tudo uma dança masculina” (CAVIGNAC, 2008, p. 22), apesar disso, pelo que pude observar, nos dias atuais, especificamente na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó, já é possível ver a presença feminina durante a realização da dança.

No entanto, mesmo apresentando tradições e costumes importantes a cultura popular seridoense, e especificamente caicoense, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos tem experimentado na conjuntura social atual da Cidade de Caicó um intenso processo de marginalização e segregação social.

Não é preciso ser nenhum doutor em ciências sociais para perceber que a festa de Santana de Caicó é uma festa voltada mais para classe rica e endinheirada do que para os pobres e mendigos. Não é preciso ser nenhum historiador para em análise que ocorre uma divisão das festas tradicionais de Caicó e região. A Festa do Rosário para se ter uma idéia, por ter desde muito tempo a presença marcante de negros da Irmandade dos Negros do Rosário é tachada no imaginário popular como excluída por boa parte dos ricos e filhos da terra abastados. (LUÍZ, 2015).

É, desta forma, indicando uma enorme diferenciação e disparidade social entre as duas festas religiosas mais tradicionais da cidade de Caicó, a festa de Sant’Ana caracterizada por toda uma “pompa” com a qual é realizada e contracenando de maneira inversa, sem apresentar a mesma “luxuosidade”, a festa de Nossa Senhora do Rosário, caracterizada pela marcante presença da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, que Ednaldo Luíz, blogueiro seridoense, inicia uma de suas matérias, intitulada “Festa de Sant’ana de Caicó: a divisão entre pobres e ricos”, em 28 de julho de 2015.

De fato, é notável que na cidade de Caicó exista um maior “afeto” de grande parte da população caicoense a Festa de Sant’Ana em relação a também

tradicional Festa do Rosário, assim como também é notável que uma parte da sociedade caicoense não possui muito “apresso” pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó, apenas observando o “mal estar” demonstrado pela senhora que mencionei na introdução deste trabalho, ao se deparar com os negros da Irmandade no interior da catedral já mostra ao caro leitor que assim como colocado por Luíz (2015), não é necessário uma pesquisa de caráter e respaldo científico para perceber que a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó encontra-se, junto com outros grupos, a margem do restante da sociedade da referida região, no entanto uma análise com este caráter é necessária para no mínimo tentar entender o processo que os deixara a margem. E segundo o relato oral de Randson Martins de Oliveira (2015):

Eu entendi que a irmandade do Rosário, ela é uma coisa que não agrada a elite, agrada somente a pobreza, só que hoje a pobreza que era a miséria, essa pobreza, que ascendeu [...] se chama hoje classe média, então eles tem poder de compra, se eles têm poder de compra eles têm poder de mando, então a gente tá conquistando a classe média, que é o objetivo por que a classe média é proporcionalmente maior do que a elite, só que [...] a gente tem que parar e tem que pensar em muitas coisas, por que temos problemas, desde a fama da Irmandade de ser horrível, mas também temos problemas em garantir o sustento dessa Irmandade, [...] nós temos que pensar como agradar a classe média, como entender a política, como se aproximar da política, e desse modo buscar apoio com a Igreja, pra que a gente possa sim, fazer “o jogo de jogar nos dois”, [...] agradar a classe média e ao mesmo tempo [...] a elite [...]. (OLIVEIRA, 2015).

Na perspectiva do próprio Martins ao escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em História, intitulado “Negros do Rosário e Republicanos: um confronto inevitável” (2013) apresenta a ideia de que este processo de marginalização da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos maximiza-se a partir do momento em que a República é instaurada no Brasil, já que segundo o mesmo:

Com a intenção objetiva de por fim ao simbolismo do Império, Republicanos positivistas, que se encontravam no Seridó na época da proclamação da República, 1889, [...] vão passar a criticar a Irmandade do Rosário por nela conter dois elementos que precisavam ser cuidados com atenção pelo governo que seriam a visibilidade social que era conferida a homens e mulheres que não se enquadravam dentro da lógica racial europeia presentes na sociedade da época e o simbolismo do império, presente em suas manifestações. (OLIVEIRA, 2013, p. 01).

Entre os fins do século XIX e início do século XX, sob a influência do apogeu das “teorias racistas”, cuja abordagem apresentava-se como sumariamente eurocêntrica e que tomará ainda mais força com chegada do Darwinismo Social e a Teoria da Evolução, e a ideologia positivista do século XIX, implanta-se no país, após a abolição da escravidão, uma política de “embranquecimento” da população brasileira. Segundo Audrey Rossi Weyler “[...] a adoção desses modelos teóricos cumpriu uma série de funções e políticas referente a um projeto de nação” (WEYLER, 2006, p. 17), para o autor:

No panorama da abolição da escravatura, dos grandes movimentos migratórios e de crescimento das cidades, temia-se o caos urbano, a criminalidade e a inferioridade de um povo muito distante dos padrões europeus. Era intensa a preocupação de políticos e intelectuais em livrar a sociedade do convívio com indivíduos e grupos considerados inferiores e perigosos (WEYLER, 2006, p. 19).

Desta forma, “[...] a sociedade brasileira passou a ser abordada, neste período de passagem entre o império e a república, como um corpo doente e mestiço que requeria a intervenção médica” (WEYLER, 2006, p. 20). Com isto, fixada na ideia de que negros e mestiços eram seres inferiores quando comparados aos homens de pele branca, a perspectiva de progresso que se tinha no Brasil daquela época não passava pelos negros, e quando o período republicano se consolidou no país, muito menos pelo império, naquele momento uma instituição que combina negritude com valores monárquicos representava

um verdadeiro retrocesso para os intelectuais republicanos brasileiros, no entanto é justamente por ser uma associação com estas características, que para Randson Martins a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos apresentase como uma associação de “[...] negros saltadores, insolentes, perturbadores da ordem” (2015).

Percebe-se, assim, que após a abolição da escravidão no Brasil, embora não só os membros das Irmandades como todos os negros e mestiços do Brasil tivessem deixado de serem escravos no papel, permaneciam “escravos da cor”, e mais especificamente escravos das relações de poder que pairavam sobre a sociedade brasileira e de discursos que se apresentavam sobre eles, que além de partirem destas mesmas relações de poder, também as justificavam. Conseqüentemente, instituições como a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, que combinavam elementos contrários ao ideal de “ordem e progresso” estabelecidos naquele momento acabavam na maioria das vezes deixadas a margem da sociedade.

O que podemos perceber através desta análise é que a partir destes fatores mencionados anteriormente começou a consolidar-se no país um “processo de colonização” diferente daquele que vemos nos livros didáticos de História, e este processo de colonização, a que me refiro, não diz respeito à “ocupação física da terra”, nem diz respeito à extração de matéria prima, ou a busca por pedras e metais preciosos, a colonização a que me refiro neste momento diz, sim, respeito à inserção, defesa e implantação de discursos, que justificam as relações de poder e buscam manter uma “ordem” social, refiro-me, assim, na ausência de um termo melhor, àquilo que Ângela Lamas Rodrigues (2012) chamou de “colonização das mentes” pela qual cada brasileiro tem passado durante séculos de história, mentes estas que são a cada momento “bombardeadas” por discursos, das mais variadas vertentes e ideologias, divulgados nos meios midiáticos, nas representações culturais e no discurso científico. No entanto, no Seridó potiguar do século XX, assim como no Brasil,

os discursos direcionados a negros e mestiços geralmente são negativos e depreciativos aos mesmos.

Desta forma, foi-se dando o processo de marginalização da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó, fazendo surgir entre parte da população caicoense a efetividade de um discurso depreciativo acerca de seus membros. Segundo Randson Martins “a fama da Irmandade de ser horrível” (MARTINS, 2015), é algo já propagado pela cabeça de muitos dos caicoenses, e muitas vezes, a fama dos Negros do Rosário, a que se refere Martins, não está vinculada à ideia de que se trata de uma instituição tradicional, ou que seja uma propagadora da cultura regional seridoense, segundo o próprio, é a de que seus membros são “boêmios”, “vagabundos” e possuem problemas com alcoolismo, por exemplo. E o discurso depreciativo sobre a Irmandade maximiza-se ainda mais no interior da sociedade caicoense pelo fato de sua sede residir em um dos bairros da periferia de Caicó/RN, o bairro João XXIII.

No entanto, é bom ressaltar que nenhum discurso é homogêneo em uma sociedade como a caicoense e que esta “fama”, embora esteja na cabeça de muitos dos caicoenses, não é absoluta entre todos os moradores de Caicó/RN, e existem ainda muitos que apreciam, admiram e reconhecem o trabalho realizado pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó como uma importante e tradicional forma de expressão cultural não só da cidade de Caicó/RN, mas de todo o Seridó potiguar.

### **Considerações Finais**

Atitudes como a da senhora mencionada no início deste trabalho, que aparentava estar incomodada com a presença da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó na catedral de Sant’Ana, nos mostra a posição da Irmandade no interior da sociedade caicoense, onde a mesma encontra-se marginalizada. Assim como demonstra também, os reflexos do processo, daquilo que fora chamado por Ângela Lamas Rodrigues (2012) de “colonização das



mentos” consolidado em grande parte do interior da sociedade brasileira e mais especificamente da sociedade caicoense. Mas como descolonizar a sociedade brasileira? Embora esta interrogação seja muito difícil de responder, dada à subjetividade do questionamento, acredito que nós, membros da academia e demais intelectuais brasileiros possuímos um papel importante e fundamental para a idealização e realização deste processo, assim como a escola, cujo ensino, acredito, deve ser plenamente democrático, idealizado de uma maneira a combater as posturas etnocêntricas para desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos a determinados grupos.

Durante a elaboração deste trabalho, busquei minimamente entender e analisar o processo e marginalização pelo qual a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó passou durante seus mais de duzentos anos de história e ainda passa nos dias atuais, no entanto, pensar a historicidade de uma instituição tão antiga e tão tradicional em uma região, como é o caso da Irmandade, trata-se de algo muito complexo e, conseqüentemente, não é tarefa fácil demandando a realização de um trabalho mais profundo sob o ponto de vista empírico, com a inserção de outras fontes, tanto orais, quanto escritas. Assim sendo, pretendo, ainda, dar prosseguimento a esta pesquisa, inserindo novas fontes e explorando ao máximo as que já foram problematizadas neste trabalho.

## Referências

ANDRADE JÚNIOR, Lourival; OLIVEIRA ANDRADE, Mônica Belotto de. Saltadores dos Negros do Rosário: experiências com a dança na comunidade Boa Vista dos Negros. In: CAVIGNAC, Julie, MACEDO, Muirakytan Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFRRN, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

CIRNE, Moacy. **A invenção de Caicó**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2004.

DANTAS, Dom José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2008.

EUGÊNIO, Alisson. Tensões entre os Visitadores Eclesiásticos e as Irmandades Negras no Século XVIII Mineiro. **Revista brasileira de História**. São Paulo, V. 22, nº 43, p. 33-46, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOIS, Diego Marinho de. Irmandade de nossa senhora do Rosário de Jardim do Seridó – RN: entre história e memória. In: CAVIGNAC, Julie, MACEDO, Muirakytan Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFRRN, 2014.

GOULART, Bruno. A Irmandade de Jardim do Seridó e os folcloristas: pensando a visibilidade e a representação dos negros do Rosário. In: CAVIGNAC, Julie, MACEDO, Muirakytan Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFRRN, 2014.

LOPES, Fátima Martins. Ordem e disciplina na construção do espaço urbano das Vilas de índios do Rio Grande (século XVIII). In: BUENO, Almir de Carvalho (org.). **Revisitando a história do Rio grande do Norte**. Natal – RN: EDUFRRN, 2009.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Aspectos da escravidão do Seridó em documentos históricos. In: CAVIGNAC, Julie, MACEDO, Muirakytan Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFRRN, 2014.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

\_\_\_\_\_. Majestades negras: Irmandades de nossa senhora do Rosário no Seridó. In: CAVIGNAC, Julie, MACÊDO, Muirakytan Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFRRN, 2014.

MONTEIRO, Pe. Eymard. **Caicó: subsídios para a história do município**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2012.

MORAIS, Fábio de Melo. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Acari/RN: memória e história. In: CAVIGNAC, Julie, MACEDO, Muirakytan

Kennedy de (orgs.). **Tronco, ramos e raízes! História e patrimônio cultural do Seridó negro**. Brasília: ABA; Natal: EDUFERN, 2014.

OLIVEIRA, Randson Martins. **Negros do Rosário e Republicanos: um confronto inevitável**. Caicó/RN. 2013. 20 p. Artigo Científico (Graduação em História), Departamento de História, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN, 2013.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência** (São Paulo: 1870/1890). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

REGINALDO, Lucilene. Irmandades negras na Bahia Setecentista. In: \_\_\_\_\_. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. 2005. 244 p. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas/SP, 2005.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras No Tempo da Escravidão. **Tempo**. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1996, p. 7-33.

RODRIGUES, Ângela Lamas. **A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Fap-Unifesp, 2011.

\_\_\_\_\_. Colonização da mente e eurocentrismo: reflexões sobre o lugar das literaturas africanas no Brasil. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 19, n. 26, p. 90-100, ago./dez., 2012.

SIMÃO, Maristela dos Santos. Irmandades de nossa senhora do Rosário no Brasil setecentista. In: \_\_\_\_\_. **As irmandades de nossa senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII**. 2010. 108 p. Dissertação (Mestrado em História da África) Lisboa: Dissertação (Mestrado em História da África) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. Realeza negra no novo mundo. In: \_\_\_\_\_. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do rei congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. Reis do Congo no Brasil, séculos XVII e XIX. **Revista História**. São Paulo, n. 152, p 79-98, 2005.



\_\_\_\_\_. Reis, ritos e símbolos. In:\_\_\_\_\_. **Reis negros no Brasil escravista:** história da festa de coroação do rei congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

### FONTES ESCRITAS

Estatuto da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Caicó/RN (1771).

### FONTES ORAIS

OLIVEIRA, Randson Martins de: depoimento [Julho. 2015] Sessão 01. Entrevistador: Marcos Fernandes de Oliveira. Caicó/RN: 2015. Arquivo em Áudio MPEG-4 (m4a) com 10:05 minutos de gravação. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Randson Martins de: depoimento [Julho. 2015] Sessão 02. Entrevistador: Marcos Fernandes de Oliveira. Caicó/RN: 2015. Arquivo em Áudio MPEG-4 (m4a) com 29:05 minutos de gravação. 1 CD-ROM.

### FONTES DA WEB

LUÍZ, Ednaldo. Festa de Sant'Ana de Caicó: a divisão entre pobres e ricos. **Blog do poeta do Seridó.** Disponível em: <<http://ednaldoluiz.blogspot.com.br/2015/07/festa-de-santana-de-caico.html>>. Acesso em: 06 de Ago. 2015.